
REVISÃO DE LITERATURA

Agroecologia e Feminismo: um debate teórico sobre a atuação da mulher no meio rural

Ariana da Mota Oliveira¹, Francisco Laíres Cavalcante²

Resumo: A agroecologia vai além da produção agrícola sustentável e ultrapassa as barreiras ambientais. Busca-se através de seus princípios uma transformação social, o resgate e valorização dos saberes locais adquiridos ao longo das gerações, e dessa forma atua também como um modo de vida. Porém, nos estudos desenvolvidos sobre as experiências vivenciadas dentro do contexto agroecológico, pouco se fala sobre a atuação da mulher e sua contribuição para o desenvolvimento rural sustentável. As mulheres trabalham e estão engajadas em praticamente todas as atividades agrícolas e extrativistas, mas mesmo assim, elas continuam com restrição de acesso aos recursos produtivos, bem como o reconhecimento do seu trabalho ainda é colocado em questão. Dessa forma, com as mudanças existentes nos sistemas de produção, na busca por um desenvolvimento rural sustentável, surge a necessidade de levantar questionamentos sobre a equidade, inclusão social e nas relações de gênero, dentro do meio rural. Assim, através desse trabalho é possível analisar sobre uma perspectiva teórica como a agroecologia contribui no fortalecimento da construção da autonomia da mulher no meio rural. Foi considerado a partir do desenvolvimento do trabalho que a agroecologia contribui no fortalecimento da construção da autonomia da mulher no meio rural através do fortalecimento de atividades que melhoram as relações entre a família e a comunidade. A construção da autonomia da mulher no meio rural se dá através do seu empoderamento, e é através de atividades realizadas muitas vezes em grupos com outras mulheres, que lhes permite ser atuante e conhecedora de seu potencial e do mundo exterior.

Palavras-chaves: Desenvolvimento Rural; Mulher Camponesa; Equidade; Empoderamento Feminino

Agroecology and Feminism: a theoretical debate on the role of women in rural areas

Abstract: The Agroecology goes beyond sustainable agricultural production and goes beyond environmental barriers. Search through of its principles a social transformation, the recovery and valorization of local knowledge acquired throughout the generations, and in this way also acts as a way of life. However, in the studies developed about the experiences lived within the agroecological context, little is said about the performance of women and their contribution to sustainable rural. The women work and are engaged in virtually all agricultural and extractive activities, but even so, they continue to restrict access to productive resources, as well as the recognition of their work is still put into question. Thus, with the changes in the production systems in the search for sustainable rural development, there is a need to raise questions about equity, social inclusion and gender relations within the rural environment. Thus, through this work it is possible to analyze from a theoretical perspective how agroecology contributes in the strengthening of the construction of the autonomy of the woman in the rural environment. It was considered from the development of the work that the agroecology contributes to strengthening the empowerment of women in rural areas by strengthening activities that improve family-community relations. The empowerment of women in rural areas is through their empowerment, and it is through activities that are often carried out in groups with other women, enabling them to be active and knowledgeable of their potential and the outside world.

Key words: Rural development; Peasant Woman; Equity; Women's Empowerme

*Autor para correspondência

Recebido para publicação em 08/08/2018; aprovado em 12/11/2018

¹ Agroecóloga, Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Sistemas Agroindustriais, pelo Centro de Ciências e Tecnologia Agroalimentar, Campus Pombal, da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)-email: arianamota14@gmail.com.

² Agroecólogo, Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Sistemas Agroindustriais, pelo Centro de Ciências e Tecnologia Agroalimentar, Campus Pombal, da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). E-mail: franciscolaires96@gmail.com

INTRODUÇÃO

Segundo Caporal e Costabeber (2004), desde muito tempo, vêm-se buscando estabelecer estilos de agricultura menos agressivos ao meio ambiente, capazes de proteger os recursos naturais e que sejam duráveis no tempo, tentando fugir do estilo convencional de agricultura que passou a ser hegemônico a partir dos novos descobrimentos da química agrícola, da biologia e da mecânica no início do século XX. A partir disso, em diversos países, passaram a surgir estilos de agriculturas alternativas, cada uma delas seguindo determinadas filosofias e princípios.

Porém, os autores afirmam que na maioria das vezes, tais alternativas não conseguiram dar as respostas para os problemas socioambientais que foram se acumulando como resultado do modelo convencional de desenvolvimento e de agricultura. Foi nesse contexto de busca e construção de novos conhecimentos que nasceu a Agroecologia, como um novo enfoque científico, capaz de dar suporte a uma transição a estilos de agriculturas sustentáveis e, portanto, contribuir para o estabelecimento de processos de desenvolvimento rural sustentável.

Assim, uma agricultura com bases ecológicas atuaria não só na produção mais limpa de alimentos, como muitas vezes é ressaltada, mas na preservação e recuperação dos recursos naturais, na mudança da relação homem-natureza, na transformação das relações sociais, na distribuição de renda, no reverso da artificialização dos espaços e urbanização territorial (BALEM; SILVEIRA, 2002).

Nesse sentido, a agroecologia vai além da produção agrícola sustentável e ultrapassa as barreiras ambientais. Entre os princípios da agroecologia está à busca pela diversidade, incluindo diversidade de espécies, diversidade de culturas, diversidade de saberes e a interação entre eles. Busca-se através de seus princípios uma transformação social, o resgate e valorização dos saberes locais adquiridos ao longo das gerações, e dessa forma a agroecologia atua também como um modo de vida. Porém, nos estudos desenvolvidos sobre as experiências vivenciadas dentro do contexto agroecológico, pouco se fala sobre a atuação da mulher e sua contribuição para o desenvolvimento rural sustentável.

De acordo com Pacheco (2009), as mulheres trabalham e estão engajadas em praticamente todas as atividades agrícolas e extrativistas, assumindo jornadas de trabalho muito extensas, mas mesmo assim, elas continuam com restrição de acesso aos recursos produtivos, bem como o reconhecimento do seu trabalho ainda é colocado em questão.

Dessa forma, com as mudanças existentes nos sistemas de produção, na busca por um desenvolvimento rural sustentável, surge à necessidade de levantar questionamentos sobre a equidade, inclusão social e nas relações de gênero, dentro do meio rural. Assim, objetivou-se através desse trabalho analisar sobre uma perspectiva teórica como a agroecologia contribui no fortalecimento da construção da autonomia da mulher no meio rural.

DESENVOLVIMENTO

Atuação da Agroecologia no fortalecimento dos Movimentos Sociais Feministas

Balem e Silveira (2002) descrevem que com a Agroecologia seja possível integrar as variáveis social, econômica, cultural e ambiental, e dentro do contexto social atua através de uma distribuição equitativa de áreas, valorização do meio rural e trata-se também de modificar a realidade dos atuais agricultores e suas famílias.

Embora na agroecologia e, de forma mais ampla, na agricultura familiar a participação feminina sempre foi significativa e central dentro da organização produtiva agrícola das unidades familiares camponesas, foi apenas há pouco mais de duas décadas que o trabalho feminino na agricultura familiar e também na agroecologia tem sido considerado de acordo com sua real contribuição. O enfoque de gênero começa a ser considerado nos estudos rurais depois da década de 1960, mas na realidade começa a ser mais amplamente utilizado apenas nos anos 1980 e 1990 (LIMA; JESUS, 2017).

Ferreira e Mattos (2017), afirmam que as organizações que iniciaram seu trabalho no campo agroecológico, passaram a incorporar, mesmo que tangencialmente, uma abordagem de gênero. Por sua vez, as organizações feministas mesmo com origem urbana, ao se depararem com a realidade rural, passaram a incorporar a agroecologia em suas abordagens de trabalho. E foi no final dos anos 80 que a atuação das mulheres rurais ganhou mais força, na luta pela sua afirmação como agricultoras, como sujeitos políticos que questionam as relações de poder existentes no meio rural, nos diferentes movimentos, incluindo as organizações autônomas de mulheres, sindicais e sem terra, que reivindicavam direitos econômicos e sociais (BUTTO; DANTAS, 2011).

De acordo com Telles et al. (2017), esses movimentos sociais se intensificaram também no ano de 2000 com a primeira Marcha das Margaridas, que propunha um novo processo organizativo e uma nova estratégia de ação coletiva, com reivindicações por políticas públicas e pela garantia de direitos sociais, previstos na constituição cidadã de 1988,

para as trabalhadoras rurais. Este foi um momento de convergência importante de mulheres de diferentes setores do movimento sindical e dos movimentos sociais na luta por direitos. Nesse sentido, a Marcha das Margaridas se constituiu num embrião para a articulação entre as agendas de luta das mulheres rurais e da Agroecologia no Brasil, incorporando em sua primeira pauta de reivindicações a proposição de programas de combate ao uso de agrotóxicos, a moratória aos transgênicos e o acesso a tecnologias ecologicamente sustentáveis para a produção.

Outro exemplo desse fortalecimento se deu também pelo que ocorreu no 3º Encontro Nacional de Agroecologia (ENA), evento ocorrido em 2014 em Juazeiro, no sertão da Bahia, para discutir a agroecologia com mulheres que pediam a igualdade de gênero, o fim do racismo, como também a valorização do seu trabalho no meio rural (ENA, 2014).

Um dos movimentos feministas de grande destaque no Brasil é o Movimento de Mulheres Camponesas, que reúne uma diversidade de mulheres rurais que em sua trajetória lutam pela causa feminista e pela transformação da sociedade. De acordo com Betto e Piccin (2017), as mulheres atuam na busca da igualdade de direitos e o fim de qualquer forma de violência, opressão e exploração praticada contra a mulher e a classe trabalhadora, as quais defendem também a produção de alimentos saudáveis, a construção de um projeto de agricultura ecológico, saúde de qualidade, construção de novas relações sociais e de gênero, por políticas públicas que atendam aos interesses das camponesas e dos camponeses e pelo fim de todas as formas de violência e opressão.

O movimento feminista junto à Agroecologia realizado no ano de 2017 em Brasília no X Congresso Brasileiro de Agroecologia foi outro evento que ganhou destaque, pois através de rodas de conversas realizadas, as mulheres puderam trocar experiências com relação às lutas enfrentadas por elas no dia-a-dia, como também sobre as dificuldades em ocupar os espaços e o seu reconhecimento (COSTA, 2017).

Agroecologia e Construção da Autonomia Econômica da Mulher Rural

Apesar do crescimento da atuação feminina no campo, as desigualdades ainda marcam a vida das mulheres camponesas. A economia rural sempre esteve marcada pela divisão sexual do trabalho. Os homens estão associados às atividades econômicas que geram emprego, ocupação e renda, enquanto as mulheres concentram-se em atividades voltadas para o

autoconsumo familiar, com baixo grau de obtenção de renda e assalariamento (BUTTO; DANTAS, 2011).

Isso fica evidente através dos estudos realizados por Brumer (2004), onde afirma que existe uma posição subordinada das mulheres na esfera produtiva dos estabelecimentos agropecuários e evidenciada através das tarefas executadas no âmbito da esfera produtiva onde só são contabilizadas como parte de um esforço coletivo, na maioria das vezes aparecendo apenas como 'ajuda'. Seu trabalho na esfera produtiva permanece praticamente invisível, tendo em vista que é praticado no interior do estabelecimento, sendo os homens praticamente os únicos responsáveis pelos contatos com o exterior.

Ainda segundo Brumer (2004), as atividades executadas preferencialmente por mulheres no meio rural caracterizam-se, de um modo geral, por serem relacionadas principalmente à limpeza da terra e colheita, seleção e embalagem dos produtos, ao processamento dos produtos agrícolas, ao cuidado de animais, tais como alimentação, limpeza e ordenha, aos trabalhos da horta, principalmente se seus produtos forem destinados ao consumo da própria família.

Assim, para que ocorra a autonomia econômica da mulher, que diz respeito à sua capacidade de ser provedora, ou seja, de através seu trabalho se tornar independente, decidir com o que gastar seu dinheiro e utiliza-lo da forma como achar mais pertinente, é preciso que estejam inseridas dentro de um sistema que não se baseiam na exploração das pessoas ou dos recursos naturais.

Dessa forma, tem-se na agroecologia um modelo mais adequado de desenvolvimento rural (LIMA; JESUS, 2017). A Agroecologia atua dessa forma buscando exatamente fornecer aos agricultores e agricultoras e sua família uma qualidade de vida capaz de atender as suas necessidades e que permitam estar em harmonia com o ambiente.

Destaca-se que a contribuição econômica das mulheres do campo está presente não só no dinheiro, como também nas trocas e doações daquilo que elas produzem, através das trocas de produtos entre vizinhos, no ato de presentear familiares e amigos com produtos oriundos do seu trabalho, atividades corriqueiras das mulheres rurais, cujo significado econômico nem sempre é levado em conta (SEMPREVIVA ORGANIZAÇÃO FEMINISTA, 2016).

Georgin *et al.*, (2015) ao estudar a participação feminina na agricultura agroecológica destaca que apesar de grande parte da responsabilidade na produção ser das mulheres, isto não torna-se suficiente para gerar uma mudança de hábito patriarcal. Porém conseguiu aumentar

em grande escala a participação feminina nas escolhas empreendedoras da propriedade e este fato se deu em virtude do seu protagonismo produtivo e a sua intensa participação na gestão das propriedades e da associação. O autor ainda destaca que participar da Agroecologia proporcionou a estas mulheres um espaço para mostrar à sociedade que elas também são capazes. Afirmam também que a adoção do sistema agroecológico de produção resultou em mudança na forma como as próprias mulheres concebiam sua vida e a partir daí, redefiniram sua posição e sua importância na sociedade, a partir da emancipação e da visibilidade que seu trabalho proporciona, por abrir espaços para que elas atuem como sujeitos. Todas estas conquistas elevaram sua autoestima, diminuíram o preconceito e proporcionaram uma nova forma de organizar as propriedades e de gerir suas vidas (GEORGIN et al., 2015).

O empoderamento feminino rural pode se desenvolver a partir de muitas atividades, e uma das que merecem destaque é o artesanato, que está cada vez mais sendo fortalecido dentro dos sistemas que tem como base princípios agroecológicos, pois, muitas vezes é visto pelas mulheres como uma alternativa de “fuga” dos trabalhos domésticos que em sua grande maioria não são valorizados, além disso, quando as mulheres desenvolvem o artesanato, acabam por criar aptidões que se apliquem à sua vida social, em que os aspectos e os parâmetros do ‘empoderamento’ estejam presentes.

Segundo Barbosa e D’ávila (2014), o trabalho artesanal sugere maneiras de utilizar as ferramentas, organizar movimentos corporais e pensar sobre os materiais que constituem propostas alternativas e viáveis sobre as possibilidades de levar a vida com habilidade. Tais habilidades se refletem na vida cotidiana e nas relações sociais, na medida em que, o ofício de produzir coisas materiais permite perceber melhor as técnicas de experiência que podem influenciar o trato com os outros, refletindo-se na gestão das relações humanas e sociais. Essa atividade permite agregar aspectos como desenvolvimento cognitivo, psicológico, político e econômico, determinantes para o seu fortalecimento individual e coletivo, o que significa um enorme avanço e favorece a construção de sonhos e planos futuros.

Ferreira (2016), afirma que as organizações do movimento agroecológico, em especial as organizações feministas possui uma grande intimidade com a prática da ação coletiva e cooperação entre sujeitos sociais. Esse fortalecimento coletivo se dá no momento em que ocorre a troca de experiências entre as mulheres através de associações ou de cooperativas. Um exemplo é relatado por Fonseca (2010), onde ao estudar, verificou que o fato das mulheres se associarem, de trocarem experiências, de aprender e poder ensinar, de conquistarem a sua independência financeira e até mesmo pessoal, as remete à outra

realidade. Antes, as mulheres se sentiam inúteis, desvalorizadas e sozinhas, mas ao se organizarem em associações passam a ver a vida sob outras perspectivas. Os autores ainda discutem que o empoderamento ocorre quando a dependência em relação ao outro se enfraquece e quando a sua competência para criar e produzir se tornam parte de sua vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A agroecologia contribui no fortalecimento da construção da autonomia da mulher no meio rural através do fortalecimento de atividades que busquem melhorar as relações entre a família e a comunidade. Entre essas atividades destaca-se a busca pela valorização das atividades desenvolvidas pelas mulheres, que como destacado, são desvalorizadas exatamente por muitas vezes não gerar “dinheiro”, embora contribua para o fortalecimento das relações afetivas entre comunidade e a natureza. Diante disso, podemos entender que os movimentos feministas junto à agroecologia contribuem para nos situar onde estamos nessa luta e o quanto ainda é necessário apresentar à sociedade a respeito das dificuldades políticas, de trabalho e de reconhecimento enfrentado pelas mulheres rurais.

Pode-se destacar assim, que agroecologia contribui para o fortalecimento dos movimentos sociais femininos, como também o empoderamento feminino contribui para o estabelecimento dos princípios agroecológicos dentro do contexto rural, através da compreensão do ambiente onde vivem, tornando-se assim uma luta que promove a integração e o desenvolvimento rural sustentável.

A construção da autonomia da mulher no meio rural se dá através do seu empoderamento. É através das atividades realizadas muitas vezes em grupos com outras mulheres, que lhe permite ser uma mulher atuante e conhecedora de seu potencial e do mundo exterior. A Agroecologia contribui com o fortalecimento de grupos de mulheres que se unem em associações ou movimentos, mostrando que através da aplicação de seus princípios e de uma relação de cuidado com o próximo e com a natureza todos ganham. A troca de experiência lhes torna capacitadas para lidar com as situações adversas que venham a ocorrer no âmbito familiar, social e ambiental.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALEM, T.A. SILVEIRA, P. R. **Agroecologia: Além de uma Ciência, um Modo de Vida e uma Política Pública**. V Simpósio Latino Americano sobre Investigação e Extensão em pesquisa Agropecuária. IESA. Anais. 20 p. 2002.

BARBOSA, V. L. D'ÁVILA, M. I. Mulheres e artesanato: um 'ofício feminino' No povoado do bichinho/prados-MG. **Revista Ártemis**. Vol. XVII, n. 1, jun. 2014. pp. 141-152.

BETTO, J. PICCIN, M. B. Movimento de Mulheres Camponesas (MMC/SC) e o percurso de sua luta feminista. *Amerika*. 2017. Disponível em: <https://journals.openedition.org/amerika/8202>. Acesso em 05/11/18. DOI: 10.4000/amerika.8202.

BRUMER, A. Gênero E Agricultura: A Situação Da Mulher Na Agricultura Do Rio Grande Do Sul. **Estudos Feministas**. Florianópolis, abr. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v12n1/21699>. Acesso em 14/07/2018.

BUTTO, A. DANTAS, I. **Autonomia e cidadania: políticas de organização produtiva para as mulheres no meio rural**. Brasília : Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2011. 192 p.

CAPORAL, F. R. COSTABEBER, J. A. **Agroecologia: alguns conceitos e princípios**. 24 p. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA, 2004.

09

COSTA, P. **Feminismo é tema de debate no x congresso de agroecologia**. Brasília, set. 2017. Disponível em: <http://agroecologia2017.com/feminismo-e-tema-de-debate-no-x-congresso-de-agroecologia/>. Acesso em 05/11/18.

ENA. **Anais do III ENA: Encontro Nacional de Agroecologia**. Rio de Janeiro: Articulação Nacional de Agroecologia - ANA, 2014. Disponível em <http://www.agroecologia.org.br/files/importedmedia/anais-do-iii-encontro-nacional-de-agroecologia-ena.pdf>. Acesso em 05/11/18.

FERREIRA, A. P. L. Agricultoras Do Pajeú: Feminismo E Agroecologia No Semiárido Brasileiro. **Revista Pegada**. v. 17, n.1, Jul. 2016. 245p. Disponível em: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/viewFile/3916/3434>. Acesso em: 08/08/18.

FERREIRA, A. P. L. MATTOS, L. C. Convergências e divergências entre feminismo e agroecologia. **Ciência e Cultura**. v.69, n.2, São Paulo, Jun. 2017.

FONSECA, F. P. Associação e mulheres: possibilidades de (re) construção identitária e empoderamento. **Dissertação**. Lavras: UFLA, 2010. Disponível em: http://repositorio.ufla.br/bitstream/1/2316/1/DISSERTACAO_Associações%20e%20mulheres.pdf. Acesso em: 15/07/18.

GEORGIN, J. WIZNIEWSKY, J. G. OLIVEIRA, G. A. ROSA, D. L. A. A participação feminina na agricultura agroecológica: um estudo do caso na região norte do Rio Grande do Sul. **Revista Monografias Ambientais**. Santa Maria, v. 14, n. 3, set-dez. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/remoa/article/viewFile/17868/pdf>. Acesso em: 21/07/18.

LIMA, M. M. T. JESUS, V.B. Questões sobre gênero e tecnologia na construção da agroecologia. **Scientiae studia**. São Paulo, v. 15, n. 1, p. 73-96, 2017. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ss/article/view/133644>. Acesso em: 21/07/18.

PACHECO, M. E. L. Os caminhos das mudanças na construção da Agroecologia pelas mulheres. **Agriculturas**. v. 6 - n. 4. Dez. 2009. Disponível em: <http://aspta.org.br/wp-content/uploads/2014/10/Artigo-1-Os-caminhos-das-mudancas-na-construcao-da-Agroecologia-pelas-mulheres.pdf>. Acesso em: 13/07/2018.

SOF. Sempre viva Organização Feminista. **Mulheres do campo construindo autonomia. Experiências de comercialização**. São Paulo: SOF Sempre-viva Organização Feminista. fev. 2016.

TELLES, L. ARANTES, A. O. FREITAS, A. F. **Mulheres, Agroecologia E A Trajetória Da Ater No Brasil**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress. Anais. Florianópolis, 2017.